



Pai Américo viu a multidão de filhos sem-eira-nem-beira. Ouviu o seu clamor. E decidiu, em nome de Deus e deles, dar a sua vida.

Notas da Quinzena

Não podemos dar à luz, n' **O GAIATO**, todas as cartas que chegam. Bem nos apetece! Mas o jornal teria que ser diário, com muitas páginas e sem anúncios — como é seu timbre. Fica dado, deste modo, o recado às pessoas que gostavam de ver «qualquer referência» e não vêm. Quando necessário, pedem e a resposta vai por outra via.

Com data de 12 de Janeiro, a carta chegou ontem.

«Venho redimir-me do meu atraso...» Assim justifica um dom maior. Este amigo desvendou o segredo que levava dentro de si. Deu conta do tempo perdido. Não se importa se é muito ou pouco. Trata-se de um valor tão grande que, se não é aproveitado, muito Bem fica por fazer. E quando se dá conta, só há um caminho: redimir-me. Dar-se. Num palavra, num gesto que leve a marca do Amor verdadeiro que nasce em Deus Pai.

A redenção da vida nunca se faz sem sangue. E a redenção de muitas vidas, só pelo dom total.

No mesmo dia, e à mesma hora, abri outra carta:

«Cada dia que passa sinto

mais forte a necessidade de preencher um espaço em mim, que é o da doação. Empenhar-me verdadeiramente com quem precise de mim...»

É uma senhora que fala e anda à procura do seu caminho. Não lhe basta o curso que tem nem a carreira que se lhe abre à frente. O seu coração quer mais. Tem ânsia de viver. Anda inquieta, insatisfeita; e, por isso, busca — como se sentisse uma voz interior que lhe pede mais.

A maneira do jovem do Evangelho, convidado a escutar o Senhor e a segui-lo muito de perto, entrando no grupo dos Seus íntimos. Deve desprender-se, antes, de tudo quanto possui e dá-lo aos Pobres. Deixar tudo: convite tão claro

como exigente. Aquele jovem não foi capaz de o fazer. Era muito rico. Fixa-se mais no que deve perder do que no valor do que pode ganhar. Renuncia à alegria da conversão e fica na tristeza de quem diz não a Deus. Não se redime e ninguém mais soube dele. Perdeu-se na mediocridade. Não deu ouvidos à voz do seu coração. Preferiu ser escravo das suas coisas. Não quis seguir o Senhor que o chamava. Cristo vale mais que todo o ouro do mundo. E faz-nos mais livres, também, quando Lhe damos uma dedicação total.

Não desejo para esta senhora a sorte do jovem do Evan-

Cont. na 3.ª página

Consciência social

Andei o fim-de-semana com um cheque muito grande na algibeira sem o saber.

Combináramos um encontro que não chegou a realizar-se. E afinal foi em passagem breve por sua casa que o recebi das mãos do seu filho, na presença da esposa — o que aumentou o sabor da entrega. O filho é um adolescente que o pai ambiciona seja um homem consciente como ele próprio é; e parece-me estar no bom caminho de o ser.

Trata-se de um trabalhador qualificado. Um trabalhador que trabalha muito e ganha proporcionalmente — mas que vive do seu trabalho! Uma ou duas vezes por ano, já estou habituado a um envelope com uma centena de contos deixado discretamente em minhas mãos. Mas, desta vez, ele excedeu-se, certamente para arrumar contas do ano transacto que ele não deseja sobre-carregado com grandes saldos.

Na minha memória ecoa a voz de Pai Américo: «Se em vez de pôr e sobrepor, pôr e sobrepor, fôssemos ao quinhão dos Pobres, hoje cantaríamos vitória. Assim, somos uns derrotados».

Não sei se este nosso Amigo escutou alguma vez esta

palavra de Pai Américo, mas a verdade é que ele é da mesma doutrina: Não quer ser derrotado; quer cantar vitória. Por isso, em vez de pôr e sobrepor, partilha. E não teme que com isso fique mais pobre, que defraude seus filhos, que lhes falte com o necessário ao seu «justo e adequado nível de vida». Ele só tem um temor: o de ser rico e deixar prender à riqueza o seu coração, que pretende livre, senhor e juiz do que é seu e não escravo do seu património. Demorar-se a contemplá-lo, é correr o risco de se tentar por ele. Daí a sua pressa em reparar o que sobra do seu «justo e adequado nível de vida». Com o tornar outros menos pobres, considera ele a sua riqueza aumentada e sobretudo robustecida.

Aqui temos um caso exemplar de consumação da primeira Bemaventurança: «Felizes os Pobres que o são no seu espírito, porque deles é o Reino»; e que Pai Américo redigiu

Cont. na 4.ª página

Calvário

Por P.e Telmo

■ Não há pássaros no largo; só crianças sujas brincando e poças de água onde os patos remexem. Que bom... se um campo de relva com repuxos e flores e um arco-íris nas asas das andorinhas! Mais alegria nas crianças e o sorriso aberto das mães! Seria belo!

O sol não falta... Somente precisa de um lago limpo para se reflectir e tornar mais suave o coração das coisas.

Estas imagens, nítidas, martelando, ao sair do subterrâneo — sub-mundo, habitação colada aos esgotos dum prédio, onde uma rapariga vive com os seus três filhos, rostos pálidos! Autêntica «poça de água» onde as crianças remexem!

Não há Natais sem sol!

Roupa suja amontoada! «Ponham aqui os pés» — disse aos três estudantes que me acompanharam.

Sáímos. Cá fora, os riscos de sombra — do sol da tarde — nos prédios altos. No coração dos três estudantes — caminhos novos para o seu sacerdote.

Caminhos certos onde os irmãos clamam com o seu silêncio e gestos de Pobre.

■ Como uma gaivota... Livre. Só que presa ao chão onde varre as folhas com precisão e alegria. É a Alice. Pequena. Sorrindo sempre. Expansiva até aos guinchos quando recebe um carinho ou uma prenda. Como gostamos da Alice!

Hoje, encontrei-a mal

humorada, mesmo triste. Talvez a falta de uma palavra, de um gesto carinhoso...

Pensei, de imediato, na cena a que assisti numa farmácia onde fui comprar um medicamento para família pobre: após mim, entrou uma senhora com um cachorro ao colo entre carícias e afagos. Consultou para o dito e notei que o medicamento do cão era muito mais caro que o da família.

E bom tratar um cão e ter cuidado com os animais.

Porém, seria mais maravilhoso que as pessoas, a quem Deus deu talentos e dá tempo, os soubessem distribuir e aplicar onde necessário e útil aos irmãos.

Assim, tocaria mais uma porção à nossa Alice.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ **CONTAS** — É nossa obrigação prestar contas, de 1987, aos Leitores, pois já foram entregues no Conselho Central, do Porto, da Sociedade de S. Vicente de Paulo. São um hino de acção de graças — a Deus!

A partilha dos Leitores do GAIATO soma: 1.781.086\$00; doutras proveniências: 34.972\$00.

Em auxílios domiciliários entregámos aos Pobres (Viúvas, desempregados, velhos, mães solteiras, etc.): 1.136.205\$00. Para além da presença amiga, deixámos 114.428\$00 de remédios, aos doentes — para os salvar ou aliviar de enfermidades. No capítulo da habitação, distribuímos: 326.800\$00 por Autoconstrutores; 161.953\$00 na reparação de 4 moradias do Património dos Pobres; e 49.000\$00 em rendas de casas. Ajudámos dois núcleos vicentinos com 40.000\$00. Partilhámos 12.840\$00 com uma moçoita, órfã de pais, que frequenta o Ensino Secundário. Como é da Regra, depositámos 63.915\$00 no Conselho Central. E foram gastos mais 600\$00, noutras despesas.

Lareiras acesas. Estímulo aos Autoconstrutores. Enfermidades amenizadas. Crianças com sua malga de leite diária. Presença amiga nas horas más. Viúvas aliviadas dum fardo que só elas — mulheres heróicas — — testemunham com eloquência.

Recebemos uma missiva dum responsável do MEV (Movimento Esperança e Vida), inserido na Igreja, que procura «melhores condições de vida para as Viúvas». Acrescenta: «Vamos ser recebidas oficialmente e propomos falar de três pontos importantes: Pensões de sobrevivência inadequadas; problema do reemprego e cursos de reciclagem; apoio financeiro para quem quiser um auto-emprego». E termina: «Na Espanha, a Federação das Viúvas tem conseguido muito apoio dos ministérios. Não vamos desanimar...!» Sinal de Esperança!

PARTILHA — A assinante 5585, do Luso, não queria «deixar acabar o ano sem enviar este cheque, planejado antes do Natal». Chegou na hora própria!

Rua do Quanza, Porto, mais um, repartido por vários sectores. Rua Eugénio de Castro, também da Invicta, outro cheque e um estímulo para a «missão de ajuda aos mais infelizes e necessitados durante o ano que está a começar».

A carta é do Porto. Diz assim: «4 de Janeiro. Dia do Santíssimo Nome de Jesus.

Os meus votos de saúde, Paz de Jesus e felicidade para todos.

Remeto 400\$00, fruto do meu primeiro negócio no dia 2. É pouco, mas uma gota de amor para os que mais precisam.

Se não fosse muito pedir por tão pouco, recomendava uma oração a Nossa Senhora para que se não desfizesse um lar onde há duas crianças. Um lar onde não há Paz. Vivo em autêntico robressalto, sempre com receio que aconteça o pior.

Nesta, vai a expressão da minha alma amargurada que apesar do vi-

ver modesto que tenho, da saúde que Deus me tem dado, não senti as alegrias do santo Natal — como os más anos.

Deus se amercie de todos.»

Que não fosse mais..., só estes documentos d'alma serviriam para erguer as mãos pelos Outros — e revigorar a nossa Fé e Esperança!

Assinante 3119, 1.000\$00. Dois mil e quinhentos, da assinante 21912. O dobro, do assinante 27177, com um voto: «Este ano traga tudo o que de bom desejam e os Pobres sejam menos pobres». São «votos sinceros» — sublinha o Amigo dos Pobres.

O costume, de Vilafranca (Vila Franca das Neves): «Já estou velha. Tenho 72 anos. Vivo só da minha pensão de reforma. Gasto só o indispensável e o que me sobra dou aos que mais precisam». Óbulo da Viúva!

Pedra Rejeitada — Pedra Angular

(Para Pai Américo, no Centenário do seu nascimento)

Pedra base, da justiça alicerce, Dando a mão à criança abandonada. Sofrendo pelos pobres que amava, Indo ao encontro do homem que padece.

Foi rejeitado, mas não esmorece Sente no coração a «martelada» Sabe que vem de Deus essa chamada E faz da vida um dom e uma prece!

Lixo da rua em pérolas transformado, Do órfão faz um filho muito amado, De casa em casa em amor se esvai.

Américo é seu nome de Baptismo Mas tantos que saíram do abismo Ternamente lhe chamam Pai!

Margarida Maria

Porto, 30 de Outubro de 1987



Mara, 6 anos, filha do Elísio Humberto.

«Avó de Estremoz» — perto de Elvas... — manda aquela remessa tão mimosa, cheia de oportunidade, para aliviar os Pobres do frio. Resto de contas, da assinante 23637, em Vila Nova de Gaia: «Não quero ver-me identificada. Somente peço o meu número de assinante na crónica da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Vale de correio, da capital, «pedindo desculpa ser tão pouco, mas o que me foi possível poupar durante estes três ou quatro meses».

Um repolhudo cheque, d'algueres, com o «destino mais útil e necessário. Peço uma oração pela alma dos meus pais e por mim, para que Deus me dê conformação na doença tão grave que me ataca». O nosso Deus escuta. Tenha Esperança!

«Uma assinante de Paço de Arcos», a partilha de sempre; agora, pedindo orações pela mãe. Levantemos a alma ao Céu.

Assinante 31104:

«Há momentos em que penso que tudo decorre porque Deus assim o determinou e nada há que o modifique não resultando rezar e implorar. Não resta outro recurso que não seja seguir o Calvário até ao cimo.

Outras vezes penso que há quem, como eu, não esteja nas graças de Deus e, por isso, não será ouvido; havendo outros que o sejam, por o merecerem. De qualquer das maneiras tudo isto é fruto de cogitação de uma alma sofredora.

Mas também existe outro género de situações. De um lado, alguém que é vítima de grande injustiça e de outro uma pessoa que pode ir ao encontro dessa aflição, pelo menos, de momento. Concretizando: N.º O GAIATO de 2/1, uma notícia

angustiosa: «Recebi, há dias, o indeferimento do suplemento de grande inválida do C. N. P.» (Até custa a acreditar!)

Eu recebo um ofício da mesma grande inválida do C. N. P.» (Até me são devidos... referentes a meses transactos. Há quanto tempo não estará errada a pensão normal para agora virem com esta informação sucinta?

Mas isso é o menos. Como já informei, estou a viver da minha pensão de aposentação, por 40 anos de serviços prestados ao Estado.

Tudo o que recebo a mais desejo que sejam os Pobres os destinatários e a minha intenção é sempre a mesma: «Por alma dos meus entes queridos».

Envio, assim, um cheque para essa desgraçada que não merece ao C. N. P. qualquer consideração. Que tristeza de País!»

Oh carta!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — No dia 10 realizámos um encontro de futebol com uma equipa de Esmoriz. O jogo teve muita emoção, do princípio ao fim. O terreno muito pesado, devido às chuvas, não ajudou; mas a nossa equipa, habituada a todos os percalços, jogou sempre o que sabe e acabámos a vencer por um concludente 6-2.

Damos os parabéns ao grupo de Esmoriz. Foi um digno vencido. Com-

Serafim

SETÚBAL

O Natal chegou... e... em cheio!

Tenho de dar notícias, pois inúmeros leitores as aguardam sófregamente.

A Festa natalícia é marcante nos anais vivos desta Casa. O impulso interior dado a cada rapaz pela solenidade religiosa, o presépio grande que eles inventam, as prendas individuais, o espectáculo que este ano teve um brilho desusado, os bolos-rei caídos em abundância como a chuva do céu, os donativos vindos de toda a parte e o nosso desgaste — são os sinais duradouros do Natal passado.

Sujeito à fragilidade e, por isso, à pouca confiança, apesar das infinitas provas, que diariamente me são dadas, julguei que, com o esforço despendido por tantos Amigos com o pagamento da casa da Praia, o nosso Natal fosse mais pobre! Como me enganei!... Eis:

Com votos de Bom Natal, vieram 500\$ ainda no dia 17 de Novembro. O mesmo, sem-

pre repetido, da Maria Augusta; e por um vendedor e pela intenção do Rui e pela intenção do Jaime, da Cândida, dum anónimo, de Tavira, da Etelvina, da Silvina, da Januária. F. Martins continua a mandar, regularmente, 1.000\$. A mesma quantia, de Portimão, de Castelo Branco, de Pinhal Novo, da Sara, do Ludgero, de Silves. A Maria Eugénia transfere da sua conta, para a nossa, mensalmente, idêntica soma. Idem, da Maria de Lourdes, da Ana Rosa, do Mário Ramos, do Nuno Andretta, de Grândola, Maria Mira, do André, da filha de uma costureira, da Quinta do Anjo, «para os meus meninos» (que lindo!); da Maria Isabel, da Maria Armada, da Maria Rosa, da Héllia, de uma viúva, da Julieta, da Alice, do António Rodrigues, da Helena, da mãe de uma amiga, Maria Elvira, Maria do Carmo, do Zé Paulo, de Palmela.

Mil e duzentos escudos, de

vários lados, anonimamente. 1.500\$, do mesmo modo. Dois mil, de Faro, da Teresa, da M. M. do Porto, do Rogério, de uma costureira do Lar, com mais 400 pares de meias da sua campanha; de Cascais, da Amadora com votos de Bom Natal, do Mário Valério, da Leonor, do Rui, da família do Hípi, da nossa lavadeira, da Maria Fernanda, Dr. Olímpio, da Teresa, de dois funcionários do Registo Civil de Setúbal, Aldina, Alcina, de Castanhos, da Raquel, anónimos, de Sourel. Pela tia do Hugo, Maria Coelho, Manuel Fernandes, do Abel, de Portimão, Maria do Céu, Ana Maria, João e Maria Helena.

Dois mil e quinhentos escudos, de Loulé, da Maria Lucília, do António Correia, da Joaquina Guerreiro, de Marinhas e de Sines. Três mil de uma



Novos Assinantes de «O GAIATO»

A campanha de assinaturas está de veno em popa!

Na frente da procissão temos os Padres da Rua de mãos dadas a muita gente: Padre Telmo com mais de 100 novos assinantes do nordeste transmontano. Padre Carlos com 238, de Anta (Espinho).

O Pároco da Eja (Entre-os-Rios) sensibiliza a comunidade e vem, pelo seu pé e um sorriso nos lábios, d'alma cheia, entregar os nomes e endereços de 102 novos assinantes da sua paróquia.

O Pai Américo está lá, na Eja, pois as casas do Património dos Pobres — das primeiras que foram construídas — situadas num talude, na bermada da estrada percorrida por turistas e aquistas, afirmam que, ali, o Pobre é rei. Ele

gostava tanto daquele conjunto de moradias!

No meio da multidão salta aos olhos uma recheada lista da Escola Secundária do Marco de Canaveses: 17 novos leitores (quicá professores) com residência no Marco, Amarante, Penafiel, Valongo, Ermesinde, Vila Nova de Gaia.

O pequenino revolucionário pacífico é um complemento das sebtas. Alunos e professores podem conhecer o mundo doutra maneira, que o Famoso é voz dos sem voz.

O GAIATO continua em expansão pelos familiares dos leitores. Assinante 32275, do Porto: «Na minha antiga residência, também era lido pela minha cunhada. Agora, deseja ser assinante».

Irmãos puxam outros, do mesmo sangue: «Envio X para os jornais de uma nossa irmã que quer ser assinante. Aqui deixo o nome e a direcção» — assinante 33969, da Moita.

E que dizer dos pais que motivam os filhos?! Dentre os que caminham na procissão, fixámos os olhos naquela missiva da assinante 12100, de Alenquer, com um pensamento de Claudel: «O que ama tem sempre razão».

S. João da Madeira: «Um rapazinho que eu criei, desde os doze dias após o nascimento até aos dezoto anos, pretende ser assinante d'O GAIATO...»

Bombarral: «Há muitos anos, o meu marido era assinante. Faleceu, há três. Continuei a receber o jornal. Continuem a mandá-lo nesse nome. Quando eu morrer, o meu filho deverá tomá-lo à sua conta. Foi criado nesse espírito e espero que continui, com a ajuda de Deus».

É muito importante que os Amigos, lançados na campanha, tenham a convicção de que propõem Leitores — para se evitem pesos mortos, na medida do possível.

«Sou uma leitora e é com grande alegria que mando esta

lembrança para enviarem O GAIATO, com pontualidade, à seguinte direcção... A senhora pretende ser leitora do jornal. O Padre Américo fez da Obra da Rua a Obra de todos os portugueses...» — conclui esta assinante, d'algueres.

O GAIATO mexe e remexe companheiros de profissão, nos locais de trabalho: «Quero inscrever mais um assinante. Está aqui, junto da Quinta onde estou empregado». É da Guarda.

Fechamos a etapa com a chegada dum Assistente Social que é uma autêntica Vicentina:

«Tenho recebido O GAIATO que tanto aprecio. É um apelo constante a superarmos o egoísmo, erva daninha que não deixa que nasçam as lindas flores de Deus. Quem se fecha em si, para além de empobrecer os outros, empobrece-se a si próprio e não sonha quantas puras alegrias conheceria se deixasse morrer esse espírito mesquinho que a nada leva, senão ao isolamento e à tristeza!»

Junto envio os nomes de seis colegas de trabalho. Gostariam de receber O GAIATO desde o início do ano.

Muitas vezes me lembro da Obra da Rua e quanto gostaria de trabalhar com ela. Mas penso não poder, de momento, pois que Deus a cada um dá o seu «papel» na vida. Tenho «outro campo» onde trabalho.»

Júlio Mendes

Padre Manuel António

viúva, de 87 anos, entrevada; da Maria Odete, da Antónia, da Setubauto, do Rui, Luísa Maria, Maria Antónia, Amélia, dum General, Maria de Lourdes, Maria Alice.

Quatro mil, de Almada, anónimos, de Ana Maria, do António Manuel, Maria Ester.

Cinco contos de António Silvío, de Leiria, de Paúl, da Costa da Caparica, da Regina, anónimos, Maria Antónia, de Cardigos, duas pessoas 5 mais 5, de Gaia, Maria do Carmo, de Palmela, Diamantino, Maria Adelina, Deolinda Passos, João Costa, Parede, Alcochete com azeite para alumiar o Santíssimo. Na nossa caixa do correio, de Coimbra, com roupas, Almada, Maria Emília, de Cascais, assinante 18085, por alma do marido, Joaquim José, Fernanda, Maria José, Rosa, Aurélio, de Espiche, Cascais, Quinta do Anjo, Engenheiro amigo com uma caixa de carapau fresquinho, Maria Helena, Vendas Novas, Pinhal Novo, do pai da Sãozinha, anónimo, Nazaré, Maria José, Vitória, Fernanda, todos os meses; Alcina, Ulisses, Maria Isabel, Teresa, uma trabalhadora da Sapac com roupas novas compradas em colaboração com outros colegas de trabalho, de Linda-a-Velha e Almancil.

Sete mil escudos da Quinta do Anjo, da Silvina, da Laura. Seis mil, de Cascais, de Jorge Domingos. Dez mil, de Ana Maria, do assinante 17863, de Elvas, do Grupo Pai-Nosso, da Guilhermina, da Dulce, Quinta do Anjo, Maria Elvira, Ramiro, Casal Freitas Costa, Idalina, uma leitora, de uns vizinhos. Por um vendedor, a senhora, Hermindo, de uma costureira do Lar, mãe de uma Amiga, de Carmina, de uma Comunidade Religiosa, de Alcochete, reforma de uma viúva, da Sãozinha, Grupo Desportivo da Herdade do Zambujal, da Agência São João, António Lucas, Maria do Rosário, Ana Maria, José Miguel e Maria Teresa.

Quinze contos, de uma vendedeira ambulante; Beatriz, de Portimão, Maria Filomena, Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa (palmas para os nos-

sos rapazes!), Aniceto, e numa Herdade. Doze mil escudos, das economias de uma Amiga. Vinte mil, do Seixal, de Carcavelos; 20.805\$ das crianças das Escolas de Grândola. Deve haver, lá, uma grande professora! Mais 20.000\$, do amigo Tacanho; de uma amiga, de Carnaxide, de Campolide, Maria das Dores.

De Basel (Suíça), 33.816\$. De Münster (Alemanha), 100 marcos. Piedade Raposo, 68.863\$; Bochot, 16.990\$; Comunidade Católica de Euskirchen 122.980\$; Delfim, Alemanha, 8.126\$80; Missão Católica de Hamburg, 80.000\$. Paróquia de Nossa Senhora do Amparo, de Portimão, em peregrinação do Centenário, 15.188\$50 e mercearias; Paróquia do Seixal, idem e 103.600\$. Águas de Moura, 21.200\$.

Trabalhadores da Portucel, 107.205\$. Entre esta gente não entrou o desânimo! Há quem se lembre, se sacrifique e ande prà frente! Trabalhadores do Centro R. S. Social, 42.717\$. Aqui, também há quem acenda o lume! Amigos, da Secção de facturação da E. D. P., 24.500\$. Vinte e cinco contos, do António Júlio; do assinante 26306, D. Aydée, na minha mão; do Estoril, dos nossos analistas, de uma Firma. Trinta e cinco, do José Duarte, da Maria Angela e para as despesas na casa da Praia. Quarenta contos, do Externato Frei Luís de Sousa, mais roupas. Cinquenta, de Celeste, de Oeiras. Do António Jacinto, Maria Manuela, tia do Hugo, de um casal, da Moita, Anónimo. De uma Herdade, de um amigo, da Isabel, Maria Manuela e José Carlos. Setenta e cinco, de Évora. Cem, na minha mão, da Inapa; da Maria Helena; da Cruz de Pau, promessa; e Padrinhos de uma amiga. Cento e cinquenta, de um amigo que acompanha a inflação; e 175, de outro, da mesma forma. Duzentos contos, de quem nos quer muito e acompanha desde o início. Quinhentos, da Feira da Ladra dos Lions; e dois mil do Governo Civil.

Padre Acílio

Cantinho das Senhoras

Há um ano, em Coimbra, D. João Alves deu início solene às celebrações comemorativas do Centenário do Nascimento do Pai Américo. Acóntecimento que foi ocasião para reflexão, estudo e aprofundamento da sua vida e mensagem, cuja palavra, escrita e gravada, ecoou em todos os cantos do Mundo. Palavra que ficou escondida no coração de muitos, com certeza, para que a seu tempo venha a germinar.

Há cinco anos, D. João fez uma Assembleia Diocesana das Catequistas de Coimbra, com uma longa preparação. A última em que participei... Este reencontro com os cristãos diocesanos e a Família da Obra da Rua, numa mesma Assembleia Eucarística, teve um sabor muito delicioso, íntimo. É especialmente para Coimbra que escrevo este «Cantinho». Tenho saudades (e é bom ter saudades) de tantas horas que vivi, nessa querida Diocese. Sinto-me interiormente feliz por ter vindo dali, onde Pai Américo deu início à «Peregrinação» da Obra da Rua. Responsabilidade para esta Diocese e, também, motivo de louvor e acção de graças por tão grande dom que o Senhor nos concedeu.

Numa das últimas reuniões de Catequistas, nos Lóios, dizia o nosso Bispo: «Não podemos querer ver os frutos, não podemos ter pressa demasiada! Vamos lançando sementes. A semente, para germinar,

tem que estar escondida debaixo da terra, fora da luz e dos nossos olhos. É preciso que alguns grãos se deixem esconder, morrer, desaparecer... para que haja nova semente, novas espigas».

Faço uma analogia entre a Assembleia de 1983 e este Encontro, dentro do Centenário. «Ide... fazei o mesmo» — foi a mensagem de despedida. «Contai o que vistes, o que ouvistes e o que sentistes. Foi lindo...! A semente germinará...»

Estamos a 2 anos do cinquentenário da Obra da Rua, começada aí. Que resposta irá dar o coração dos cristãos?

Os Padres e as Senhoras que seguiram a caminhada, com Pai Américo, estão cansados. Os que vieram à segunda ou terceira chamada, também se vão cansando. A Obra da Rua cresceu muito, em vários aspectos. Expandiu-se... E em vocações de doação? Há uma Esperança grande de que não vamos sós. Uma promessa que é uma certeza: «Ficarei convosco todos os dias...» É com Ele que podemos contar sempre!

É para vós, cristãos generosos, que Pai Américo dirige, hoje, o apelo: «Vinde... Eu fui capaz, lutei... consegui, venci até ao fim». Lá, na Sé, pensei: — Se Pai Américo, há cinquenta anos, tivesse saboreado um bocadinho desta festa (não por ele, que foi humilde, mas pelos Pobres a quem amou) como rejubilaria...!

Dizia-me uma senhora ami-

Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª página

gelho. Sim, a alegria de «preencher o espaço que é o da doação». Que assim seja!

Volto à primeira carta para acabar estas notas:

«Que a vossa Obra não termine por causa dos pecados de omissão de pessoas como eu!»

É verdade. É também muito sério e profundo este parágrafo! Pai Américo escolheu o alicerce — o Santíssimo Nome de Jesus. Não cai. Tem garantias de Eternidade. Mas quem põe as pedras do edifício somos nós. Os obreiros são os homens e as mulheres que Ele chama e escolhe no seio do seu Povo. Que tremenda responsabilidade! Pai Américo viu a multidão de filhos sem-eira-nem-beira. Ouviu o seu clamor. E decidiu, em nome de Deus e deles, dar a sua vida. É a hora. Momento decisivo. É o «hoje» de Deus para alguns e algumas que Ele chama a dar o salto para cima do alqueire.

Vivemos a Esperança na serenidade. «Obrigado pela oportunidade que nos dáis de fazer algum bem.»

ga — que conheceu Pai Américo — no dia seguinte à festa, em Coimbra: «Como foi tudo tão lindo, ontem, na Sé! Ai, mas quem o conheceu nos primeiros tempos...! Era ainda, o sr. Américo... Eu era pequena, mas bem me lembro... das dificuldades. Nem todos gostavam dele. O que fazia e dizia, incomodava muita gente. Pregava duro e muitos cristãos estavam instalados.»

E hoje? Aí mesmo, quando vim para aqui, alguém com responsabilidade me dizia: «A Diocese investiu em ti e agora viras-nos as costas!» Investiu em mim e eu estou a investir na Diocese. Apenas mudei de lugar e de serviço. Coimbra já deu algumas respostas à Obra da Rua. O que é afinal o coração do nosso Bispo palpita com o coração da Obra da Rua. O que é afinal o espírito missionário?!

Bemaventuradas as Comunidades (Famílias, Paróquias ou Dioceses) que tenham criado, em seu seio, filhos ou filhas que se dêem generosamente ao Senhor para o Seu serviço onde quiser. Com eles partirá a Família, a Paróquia, a Diocese ou o grupo que os criou e ajudou a crescer. É a dilatação do Reino e nunca o seu constrangimento. Custa cortar; e quanto mais unido se está, mais dói! Contudo, é sempre sinal de Esperança aceitar e esperar, com serenidade, ainda que faça doer. Para quê? Só o Senhor sabe verdadeiramente, porque só Ele conhece bem todos os nossos caminhos, pois quer que sejam os Seus caminhos.

Isaura (de Setúbal)

AQUI, LISBOA!

«Um monte de ruínas me tinham dado em Paço de Sousa. Um monte de ruínas me ofereciam agora» — em Santo Antão do Tojal (Loures).» Pai Américo).

Uma das grandes preocupações do Senhor Cardeal Cerejeira foi a recuperação de antigos bens da Igreja usurpados pelo Estado, após 1910. Sabemos que percorreu a Diocese toda, de maneira despercebida, acompanhado por colaboradores qualificados. Assim, em

Correspondência de Família

«Senhor Padre Telmo: Quero desejar-lhe, a si e a toda a nossa Família da Casa do Gaiato, um feliz Natal e um Ano Novo muito próspero, cheio de boas novidades, Paz, saúde para todos. Ainda me lembro, e talvez nunca esquecerei, da forma como nós festejávamos o nosso Natal e Ano Novo em Malanje. A Missa da meia-noite, os brinquedos que cada um de nós recebia, os bolos e as limonadas que floresciaam as nossas mesas. Todo este ambiente festivo criava em nós muita alegria, Paz e sossego. E eu até agora não consigo imaginar um Natal sem Presépio, sem Missa da meia-noite. As vezes, eu ponho-me a pensar e não encontro festa melhor do que as nossas festas de Natal e Ano Novo, em Malanje. Somos uma Família e uma Família muito grande.

Desejo a todos Feliz Natal e Ano Novo muito próspero. Boas Festas.

Um forte abraço do Carlos Augusto («Banana»), na União Soviética!»

Deus fala-nos... em todo o lado!

Consciência social

Cont. da 1.ª página

assim: «A nossa riqueza é a nossa Pobreza».

Este homem é um inquieto pelo serviço dos Outros. Dar dinheiro é o que menos custa, no seu conceito. Mas é que um homem cónscio das suas obrigações sociais deve para além disso; e dar-se é o mais difícil. Por isso, os seus apelos: «Ajude-me a ser útil, arranje-me oportunidades de o ser». E ele trabalha muito — já o disse; não sofre de desocupação do tempo! Mas, de tão prestável, parece não ter mais nada que

1944, conseguiu a cedência, logo após a Concordata, embora a título precário, da propriedade conhecida por Quinta da Mitra, em ordem «à instalação de uma obra social de elevado interesse público», o que só viria o concretizar-se em 1947, como já nestas colunas indicámos, quando a Obra da Rua tinha apenas sete anos de existência.

Foi o primeiro Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida, que restaurou uma primitiva edificação, que vinha do século XIII, ampliando-a e dotando-a de vários anexos, tudo alindado ao sabor da época, e de que há ainda vestígios bem patentes. A 11 de Fevereiro de 1717, D. João V concedia ao Patriarca de Lisboa todas as honras e direitos de que usufruíam no reino os cardeais da Sé de Roma, mas só em 1737 Clemente XIII elevava o Patriarca à dignidade de Cardeal. O Rei Magnânimo, muito à sua maneira, pretendeu fazer de Lisboa uma

«Cidade Eterna» e, da Patriarcal, «uma miniatura do Vaticano», como escreveu Guedes Leal, concedendo elevadas verbas para o efeito. Enfim, maneiras de ser da época!

Após a República, com os diversos usos e vicissitudes das resultantes, como o incêndio da igreja anexa ao palácio, tudo se transformou no tal «monte de ruínas» referido por Pai Américo. Foi, pois, a partir daí que se começou, com grandes canseiras e despesas, a forjar aquilo que seria a Casa do Gaiato de Lisboa.

Estas pequenas notas históricas mais não são do que um leve contributo para ajudar os nossos Amigos a melhor nos conhecerem. De resto, Santo Antão do Tojal é essencialmente visitada por dois motivos: a existência do antigo Palácio e a Casa do Gaiato; sobretudo por esta razão.

Devemos dizer que todos os espaços, aliás reconstruídos ou

TRIBUNA DE COIMBRA

Vamos procurar saborear os presentes que, por Jesus Menino, nos chegaram ao celebrar a festa do Seu nascimento: Veio um grupo de Amigos, de Castelo Branco; um casal, da Lousã, pelos seus 35 anos; um grande grupo, de S. João da Madeira. Todos estes em acção de graças pelos dons de Deus.

Vieram senhoras: do Porto, de Viseu, de Fala, da Mealhada, de Montemor-o-Velho, de Tentúgal, de Castelo Branco, de Febres, de Tomar, de Celorico da Beira, de Oliveira do Hospital, da Figueira da Foz, de Arganil, de Mortágua, de Lisboa, de Chão de Lamas, de Medelim, do Bombarral, de Cantanhede, de Leiria, da Covilhã, de Mira, do Luso, de Soure, de Condeixa, de Amadora, de Cabaços, de Santarém, de S. Jorge, de Portimão, da Lousã, da Lagarteira, de

Carcavelos, de Trancoso, de Ceira, de Vilar Formoso, de V. N. de Poiares, de Seia, de Torres Novas, de Castanheira de Pera, de Albrantes, de Montessão, da Cumieira, de Alfaielos, de Aldeia dos Dez, da Sertã, da Nazaré, de Caxarias, das Chãs, de Chelo, da minha aldeia, da Praia de Mira.

Vieram homens: de Tentúgal, de Castelo Branco, de Santa Clara, de Lisboa, da Cruz Quebrada, do Funchal, de V. N. de Famalicão, de Figueiró dos Vinhos, de Penela, de Cantanhede, da Lousã, da Suíça, de Condeixa, de Tortosendo, da Covilhã, de Lagos, do Laranjeiro, da Alemanha, de Almas de Freire, de Pombal, de Leiria, do Luso, da Mealhada, da Parede, de Gouveia, de Arganil, de Cebolais.

Vieram casais: de Tomar, de Cebolais, da Covilhã, de Castelo Branco, de Pereira do Campo, das Meãs, de Penela, de Cardigos, de Santa Cita, da Figueira da Foz, do Fundão, de Leiria, de Lisboa.

Os grupos escolares são os que mais enchem a nossa vida! Eles com seus saquinhos de ofertas presos aos brinquedos do nosso parque e ao campo da bola. Os que tomam notas e fazem perguntas. Enchem folhas e folhas de papel. Abrem horizontes para o futuro. Veio um Colégio de Religiosas, de Aveiro, todos carregadinhos de mimos para nós; Catequista, de Cortes de Alvares, com seu grupo; um grupo, do 4.º ano, de Proença-a-Nova; a Escola de Juncal do Campo; a Escola do Telhado; o Colégio de S. Teotónio com a camioneta carregada.

Vieram muitos sacerdotes: da Lousã, de Aveiro, de Sever do Vouga, de Coimbra, de Mira, da Tocha, de Castelo Branco, da Praia de Mira, de Miranda, de Covões, de Outil.

adaptados pela Obra da Rua, como já se afirmou, estão totalmente ocupados. Na ala sul encontram-se as salas de jogos, uma excelente biblioteca e o bar dos Rapazes; na ala norte, além do escritório do responsável e do seu quarto, há instalações para os jovens empregados e para algum dos visitantes que até nós chegam. No antigo refeitório funciona uma sala de televisão; na velha cozinha e respectiva copa existe uma lavandaria; os ex-anexos são utilizados para vários fins: sapataria, casa da farinha, armazém de material sanitário e similares, parte de electricidade, celeiro de batata e arrumos de camas, colchões, etc.

Repete-se, para evitar equívocos: nada está desocupado...

NAO SE DEIXEM ENGANAR...

■ Várias vezes temos alertado os nossos Amigos para os falsos peditórios que são feitos em nome da Obra da Rua. O mesmo se diga em relação a sorteios ou rifas. Gente sem escrúpulos não se cansa de iludir as pessoas de boa fé. Ainda pela época natalícia nos chegou a notícia da venda de rifas, a mil escudos cada, em benefício da Casa do Gaiato! Infelizmente, há ainda quem se deixe enganar. Cuidado!

Padre Luiz



Santo Antão do Tojal: um aspecto da quinta.

Grandes grupos de Urqueira, jovens cristãos de Portinhos, de Tomar, da Figueira da Foz, da Covilhã, Grupo Sócio-Caritativo de Penacova, Rancho da Pampilhosa, R. A. L. de Leiria, Vicentinos da Batalha, Missão Católica de Munster, Alunos do Magistério Primário de Coimbra, paróquias de Ervedal e Seixo da Beira, os netos a recordar o Avô de Mação, Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações, de Castelo Branco e Covilhã.

De Coimbra veio o forte de todo o cortejo, onde se juntaram, também, o Secretariado das Agências Funerárias com

noventa contos e a Confraria da Rainha Santa, com dez. Neste cortejo vieram carradas de embrulhos de roupas e outras coisas; cheques grandes e pequenos; cartas pesadas e leves; notas novas e velhas; muitos recados de oração; muitos votos de Boas Festas; muitos bolos-rei e outras coisas boas; o produto da rifa de duas mantas; a festa de Natal do grupo Desportivo do Banco Totta e Açores. Foi o Natal. Foi a festa de aniversário do Irmão de todos. Para Ele toda a honra e toda a glória.

Padre Horácio

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA 4560 Penafiel - Tel. (055) 952285
Comp. e Impressão: Escalas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel